



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



As racionalidades presentes na cobertura da Baía da Babitonga no jornal *A Notícia*¹

Augusta Gern²
Myrian Del Vecchio de Lima³

Resumo: Este trabalho analisa a cobertura do jornal *A Notícia*, de Joinville, sobre o uso do espaço da Baía da Babitonga, no litoral de Santa Catarina, em função da dicotomia presente nas discussões sobre este uso: para abrigar empreendimentos socioeconômicos ou priorizar sua preservação socioambiental. Qual lógica prevalece nas matérias do jornal nos primeiros cinco meses de 2015, entendidas a partir do conceito de “racionalidades” de Leff (2006)? Pressupõe-se o jornalismo como manifestação sociocultural importante para informar a população sobre escolhas socioambientais e, ao final, infere-se que por sua estética narrativa/estrutural, a Reportagem Multimídia constitui um formato mais propício para construir argumentos em que possam emergir um entendimento de meio ambiente mais sistêmico, com múltiplas ênfases.

Palavras-Chave: Jornalismo e Meio Ambiente. Baía da Babitonga. Jornal *A Notícia*. Racionalidade socioambiental. Narrativa multimídia.

1. Introdução

É inegável a participação da mídia jornalística na vida social, visto que as informações veiculadas auxiliam na formação da opinião pública e de nossas representações sobre o mundo, tornando-se, muitas vezes, pauta das relações interpessoais, grupais, comunitárias ou, pelo menos, inserindo-se no repertório individual. De fato, Sousa (2008) relembra as explicações de McCombs e Shaw (1977) e mesmo as antigas análises de Walter Lippman (1922), destacando que “os meios de comunicação, ao contribuírem para o estabelecimento das agendas que

1 Este trabalho está vinculado a leituras realizadas no âmbito da linha de pesquisa Interfaces: Comunicação e Educação com ênfase em Meio Ambiente, que faz parte do Grupo de Pesquisa Comunicação, Sociedade e Cultura, da UFPR, registrado no CNPq.

2 Jornalista. Mestranda em Comunicação Social na Universidade Federal do Paraná. Bolsista da Capes. E-mail: augustagern@gmail.com

3 Jornalista. Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná e Mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo. Pesquisadora e professora dos Programas de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento (PPGMade) e Comunicação (PPGCom) da UFPR. Email: myriandel@gmail.com.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/

preocupam os cidadãos e políticos (e mesmo os outros meios), têm o poder de concorrerem para modelar as representações que se fazem da realidade” (p. 72).

Dessa forma, ao abordar as questões ambientais, o jornalismo, além de proporcionar um conhecimento mais significativo sobre a importância do meio em que vivemos, também insere estas questões na agenda pública, politizando-as e transformando-as em pontos de debates sociais. Centenas de estudos enfatizam como a comunicação, e o jornalismo em particular, têm colaborado para o aumento da sensibilização e conscientização ambiental (HANNIGAN, 2009).

A partir de tal entendimento, este trabalho analisa como a mídia jornalística pauta e faz a cobertura da questão ambiental relacionada à Baía da Babitonga, estuário rico em biodiversidade e alvo de muitos interesses econômicos. A Baía, com uma área aproximada de 160 km², está localizada no litoral norte do estado de Santa Catarina; seu entorno limita-se com os municípios de Itapoá, São Francisco do Sul, Barra do Sul, Araquari, Garuva e Joinville. Conforme Cremer (2006), a Baía constitui o mais importante estuário do estado, onde se situa a maior extensão de mangues catarinenses. Atualmente, existem dois portos em seu entorno e a movimentação de embarcações de vários portes promete aumentar: a partir de 2015 o Porto Itapoá será ampliado e matérias jornalísticas já indicam a instalação de mais empreendimentos.

Além da grande transformação que o estuário vem sofrendo com o desenvolvimento portuário, os problemas ambientais remontam ao ano de 1907, com o início do fechamento do Canal do Linguado, aterrado para a construção do ramal ferroviário que passou a ligar a ilha de São Francisco do Sul ao continente. Conforme o Diagnóstico Ambiental da Baía da Babitonga,

A construção desse aterro transformou a ilha de São Francisco do Sul em uma península, fechando permanentemente a circulação das águas nessa área, o que resultou em diversas e profundas alterações ambientais ao sistema hídrico da Baía da Babitonga e, conseqüentemente, em toda sua biota. (CREMER, 2006, p.17)

Morales (2006, p.11) destaca outros problemas que o estuário sofre: poluição industrial e respectivo lançamento de efluentes sem tratamento, falta de saneamento básico nas cidades da



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



região com despejo de esgoto nas águas da Baía, ocupação desordenada do seu entorno, remoção da cobertura vegetal e aumento no esforço de pesca⁴ e do número de pescadores.

A partir dos problemas mencionados e da constatação do atual processo de especulação econômica na área do estuário, este trabalho analisa, à luz da teoria da relevância e por meio de aspectos simplificados da análise de conteúdo, qual das lógicas – a econômica ou a ambiental – prevalece nas matérias do principal jornal da região, *A Notícia*, de Joinville, nos primeiros cinco meses de 2015, com destaque para a análise qualitativa de uma reportagem multimídia sobre a Baía, publicada na edição correspondente aos dias 23 e 24 de maio de 2015 no jornal impresso e postada no site www.anoticia.clicrbs.com.br.

Tais lógicas buscadas nas matérias jornalísticas no período selecionado, que podem também ser entendidas como abordagens jornalísticas, são neste texto pensadas no âmbito das chamadas “racionalidades”, sob o prisma teórico de Enrique Leff (2006), que estabelece a predominância de uma racionalidade econômica a ser superada e substituída, gradativamente, por uma racionalidade ambiental, ou socioambiental.

A escolha do veículo foi fundamental para a análise: com 89 anos, o jornal *A Notícia* tem grande circulação e representatividade em todos os municípios do entorno da Babilônia. Além disso, conta com um diferencial: um caderno sobre meio ambiente, o AN Verde. Lançado em 1999, o caderno é produzido com materiais de baixo impacto ambiental e rendeu ao jornal, em 2002, a certificação ISO 14001, referente a exigências ambientais. O caderno especial sem periodicidade definida é publicado, na maioria das vezes, em datas alusivas à temática que abrange, como o Dia da Água, Dia do Meio Ambiente ou Dia da Árvore. Assim, a pesquisa avalia como o tema é tratado pelo veículo entre as edições de 1º de janeiro a 31 de maio de 2015.

Este é um estudo com foco na produção noticiosa, de forma a se entender as intencionalidades subjacentes às notícias sobre um objeto natural, a Baía, já transformada em objeto socioeconômico e, portanto, em objeto de disputa entre diferentes atores sociais. Não se discute

4 “O esforço de pesca (f) representa a quantidade de operações ou de tempo de operação das artes de pesca numa determinada pescaria, durante um período determinado.” (https://pt.wikipedia.org/wiki/Esfor%C3%A7o_de_pesca). Disponível em: 14/07/2015.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



aqui a recepção, isto é, se as estratégias adotadas surtem ou não o efeito de sentido almejado, o que bem poderia ser o ponto de partida para uma nova investigação.

Metodologicamente, em um primeiro momento, busca-se verificar a relevância da Baía da Babitonga para o jornal, por meio das diferentes formas de matérias jornalísticas produzidas sobre ela, evidenciando-se aspectos quantitativos; na segunda etapa, realiza-se uma análise de conteúdo simplificada, para identificar e interpretar, enquanto categorias, as lógicas/racionalidades presentes nas matérias jornalísticas, de forma a se perceber as intenções de produção de sentido que elas veiculam. Já no final do processo de coleta, nos deparamos com a publicação de uma grande reportagem sobre a Baía, produzida também para o site do jornal, como reportagem multimídia. Esta ocorrência nos fez inferir que, por sua estética narrativa e estrutural, a reportagem multimídia constitui formato bastante propício para construir argumentos, textuais e imagéticos, que permitam um entendimento de meio ambiente mais sistêmico, com múltiplas ênfases/lógicas: social, ambiental, econômica, cultural.

2. Meio ambiente em pauta

Já é recorrente afirmar que, diante dos problemas ambientais e da necessidade de uma sensibilização e conscientização sobre eles, que conduzam a ações práticas e políticas, é importante o papel do jornalismo como instigador de reflexão e mudanças na área. Assim, “informação sobre o meio ambiente de qualidade e em quantidade suficiente é ferramenta indispensável para a formação e mobilização da cidadania ambiental” (BERNA, 2008, p. 89).

Mas há informação em quantidade suficiente e de qualidade nos veículos de comunicação? O que é informação sobre o meio ambiente e se classifica como jornalismo ambiental? Bueno (2008, p. 109) conceitua o Jornalismo Ambiental como o processo de captação, produção, edição e circulação de informações comprometidas com a temática ambiental e que se destinem a um público leigo, não especializado. Para Lima et al. (2013), a partir de uma perspectiva histórica brasileira — após o grande evento promovido pela Unesco no Brasil, em 1992, a Eco-92 —, o jornalismo dito ambiental passou a ser entendido de forma diferenciada:



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



[...] aquele subcampo jornalístico em que a interface com a temática em questão, exigia um entendimento mais contextual, que pudesse pelo menos assinalar a existência da intensa complexidade do objeto ambiental em si tão multifacetado em aspectos interrelacionados, como os científicos, econômicos, culturais, técnicos, sociais etc. Entretanto, observa-se ainda falta de consenso e de aprofundamento teórico sobre estas implicações interdisciplinares. (LIMA et al., 2013, p.17).

O sociólogo John Hannigan, preocupado com os limites e injunções estabelecidas pelas rotinas jornalísticas, assinala que “a construção da notícia pode ser influenciada pelos fatores culturais e políticos” (2009, p. 122), mas também “é vista como o resultado de rotinas organizacionais dentro da própria sala de redação.” (*Idem*), o que sistematiza e ajuda a organizar vários entendimentos para o público em geral, mas por outro lado define uma construção de notícia ambiental muitas vezes restritiva e pouco contextualizada, evidenciando a fragmentação dos fatos e discursos ambientais que deveriam ser enquadrados em uma visão sistêmica.

A quantidade e qualidade da cobertura ambiental pela mídia é sempre preocupante e alvo de debates. Conforme estudos da Cepal – Comissão Econômica para América Latina (COLOMBO, 2010, p.8), a imprensa brasileira se preocupa em relatar o meio ambiente em três ocasiões: 1) durante catástrofes naturais e/ou acidentes graves que causam danos à natureza, 2) a partir de relatórios publicados por revistas estrangeiras sobre o aquecimento global, 3) no dia 5 de junho, Dia Mundial do Meio Ambiente. Berna (2008) ainda acrescenta que lideranças da sociedade civil já revelam sua preocupação com a falta de informação sobre a questão, a ponto de incluí-la, ao lado da educação ambiental, entre os três principais problemas ambientais brasileiros, após o desmatamento e os recursos hídricos.

Bertoni (2006, p.22) também observa que o tema ambiental geralmente está ligado a desastres, tragédias ou previsões apocalípticas, mas orienta: “Os jornalistas têm um instrumento a seu favor. Em 2003, foi sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a Lei nº 10.650/03. Ela garante acesso público aos dados e informações ambientais”. De acordo com Belmonte (apud Bertoni, 2006, p.22), os órgãos e as entidades da Administração Pública integrantes do Sistema Nacional de Meio Ambiente são obrigados, por lei, a abrir a caixa preta para os jornalistas.

Em prefácio ao livro “Mídia, Ecologia e Sociedade”, Melo (2008) afirma que muitos atribuem à mídia um papel negativo com relação à cobertura ambiental, o que para ele diminui a autoestima da corporação jornalística. O autor sugeriu que o debate sobre comunicação e meio



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



ambiente “não fosse contaminado pelo vírus reproduzido nos fóruns ambientalistas. Ou seja, que se evitasse a colocação da mídia no banco dos réus” (MELO, 2008, p.13), promovendo “um inventário crítico das potencialidades preventivas da sociedade” (*Idem*), na área ambiental.

Contudo, mesmo ao se levar em conta aspectos prejudiciais à prática de um bom jornalismo ambiental, já bastante discutidos nos fóruns sobre a temática, os grandes veículos continuam a mostrar visões simplistas em suas abordagens, revelando uma parte do assunto, sem dar conta de outros ângulos ou abordagens relevantes, percebendo-se pouco o estabelecimento de uma relação de causa e efeito para os problemas da área. Diante disso, Dal Marcondes (2011) aponta um dos maiores desafios na cobertura: incluir uma visão sistêmica.

Em síntese, a cobertura sistêmica refere-se à ideia de que a realidade, no caso o meio ambiente, é algo que está interligado e conectado com vários aspectos da realidade social, e a cobertura jornalística deve expor isso. Capra (apud Massierer, 2008, p. 157) afirma que, para que o tema tenha uma abordagem qualificada pela imprensa, os jornalistas deverão mudar o modo de pensar fragmentado: “em vez de se concentrar em apresentações sensacionalistas de acontecimentos aberrantes (...) terão de analisar os padrões sociais e culturais complexos que formam o contexto desses acontecimentos (...)”.

A dimensão ambiental trabalha com o caráter multidisciplinar que permeia todas as áreas do conhecimento, induzindo a uma leitura de realidade onde tudo está conectado, interligado e relacionado e não como o conhecimento encontra-se no mundo moderno: fragmentado, compartimentado em áreas que, muitas vezes, não se comunicam. (SOUSA et al., apud MORAES; CORRÊA, 2008, p. 212)

Também é importante que os jornalistas da área entendam a visão de mundo e a ideologia que perpassa a questão da problemática ambiental em um cenário de capitalismo avançado. Para Leff (2006, p.223), “a crise ambiental foi o grande desmancha-prazeres na comemoração do triunfo do desenvolvimentismo, expressando uma das falhas mais profundas do modelo civilizatório da modernidade.” Para o economista e epistemólogo, a atual degradação ambiental representa a crise da modernidade, fundada na racionalidade econômica e científica, “valores supremos do projeto civilizatório da humanidade” (*Idem*). É um modelo que nega a natureza “como fonte de riquezas, suporte de significações sociais e raiz da co-evolução ecológico-cultural.” (*Idem*). Este



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enpja.com.br/



entendimento teórico se expressa nos jornais e, na mídia em geral, quando as notícias privilegiam a lógica econômica em detrimento da lógica ambiental, marcada por discursos que enfatizam o desenvolvimento regional ou nacional, baseado em abundante uso dos recursos naturais, tecnologia intensiva, ocupação do espaço natural por empreendimentos que vão gerar empregos, lucro e “bem-estar social”; este discurso vem, habitualmente, embalado em contrapontos, para se caracterizar como “sustentável”, ao defender paliativos para preservar partes do meio ambiente, ou transformar práticas econômicas predatórias, como o turismo, em “turismo ecológico”, por exemplo. Na verdade, o discurso mascara “a expansão e globalização do mercado sem contrapesos políticos e de um novo crescimento, com controles ecológicos, mas sem limites.” (LEFF, 2006, p.223).

O pensador vê, como única saída para o impasse, a consolidação de outra racionalidade que se inscreva sobre a econômica: a racionalidade ambiental — aquela que “se forja em uma ética de outridade, em um diálogo de saberes e em uma política da diferença que vão além de toda ontologia e de toda epistemologia que pretendem conhecer e englobar o mundo, controlar a natureza e sujeitar os mundos de vida” (LEFF, 2006, p. 21). Nas notícias sobre meio ambiente, esta racionalidade deve aparecer por meio de um discurso que valorize os saberes tradicionais e a cultura, o respeito ao outro e à alteridade, a natureza como fonte de biodiversidade e de qualidade de vida, uma relação de economia e de benefícios sociais expressos por políticas negociadas em esferas públicas construídas de forma participativa.

Assim, há mais do que desafios editoriais e comerciais para que o tema meio ambiente faça parte da vida e das discussões das pessoas, por intermédio do jornalismo. Os jornalistas, antes de qualquer coisa, precisam entender a relação entre os problemas ambientais e o seu meio sociocultural, bem como entendê-los como uma crise de valores e de modelo de desenvolvimento.

3. Sob a ótica da relevância

Um fator determinante sobre a forma como a nossa atenção é direcionada pela mídia sobre uma parte da realidade é a relevância. Alinhando-se à teoria do agendamento, a notícia, apesar de sua vocação para a universalidade, é sempre a escolha do que é mais importante: “Potencialmente universal, o jornal acaba por se concretizar e particularizar consoante os interesses dos sujeitos que



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



dele se servem como meio de lidar com os seus mundos objetivos”. (FIDALGO, apud CORREIA, 2011, p. 35).

De acordo com Wilson e Sperber (2005, p. 222), “a afirmação central da teoria da relevância é de que as expectativas de relevância geradas por um enunciado são precisas e previsíveis o suficiente para guiar o ouvinte na direção do significado do falante”. Ou seja, o comunicador se utiliza de “estratégias”, fornece evidências, mesmo que involuntariamente, para que o receptor infira o significado desejado. Sua premissa é “obter o máximo de informação com o mínimo esforço possível”. (*Idem*).

A relevância não existe porque os falantes obedecem certos princípios de cooperação ou alguma convenção comunicativa, mas porque a busca pela relevância é uma característica natural da cognição humana. Ela não é uma propriedade potencial apenas de enunciados ou outros fenômenos observáveis, mas também de pensamentos, memórias e conclusões de inferências. (WILSON e SPERBER, 2005, p.223). Assim, é claro que, ao escrever, o jornalista – que também é sujeito à tendência natural à relevância – não precisa fazer tantos cálculos para determinar suas escolhas. Estas se dão de modo quase intuitivo, pois também obedecem a uma longa prática de apresentar os fatos por ordem de importância. Em linhas gerais, a teoria da relevância revela que toda comunicação evidencia as intenções do falante e, com base no repertório, conhecimentos e vivências do receptor, o enunciado pode ser mais ou menos relevante.

Apesar do conceito útil da relevância, Correia (2011, p. 36) alerta que ela resulta de processos conflituais e contextos sociocognitivos que podem manipular a opinião pública.

Depende de processos conflituais porque o jornalismo é um dos protagonistas essenciais em definir o que é relevante em cada momento – o agendamento, a tematização e, de certo modo, o *framing* são, justamente, processos em que se fazem sobressair temas e quais os esquemas interpretativos que se podem aplicar a esses temas considerados relevantes. (CORREIA, 2011, p.36).

A partir de então, em consonância com os critérios de noticiabilidade, podemos observar como a relevância implica a escolha e o tratamento dos fatos pelo jornalismo, levando-se em conta a importância da problemática ambiental colocada como uma das grandes crises da contemporaneidade. Para analisar quando e de que forma a Baía da Babitonga — aqui entendida



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



como objeto de caráter socioambiental, cercado por problemáticas de disputas sob diferentes lógicas/racionalidades — entra na pauta do jornal *A Notícia*, a relevância do tema é medida pela incidência quantitativa do material publicado nos cinco primeiros meses de 2015. Além das notícias e reportagens, foram consideradas notas, artigos, fotolegendas e até cartas de leitores.

A análise do material coletado foi realizada com base no procedimento metodológico de categorização da análise de conteúdo. Para a classificação, foram respeitadas as exigências apresentadas por Gomes (2000, p. 89), onde cada categoria deve ser: exaustiva (dar conta de todo o material que será analisado), exclusiva (o material não pode ser classificado em mais de uma categoria), concreta (não ser expressa por termos abstratos) e adequada (a categorização deve ser adaptada ao conteúdo e objetivo que se pretende). Dessa forma, para a análise temática das notícias, foram criadas cinco categorias: ambiental, econômica, turística, social e sistêmica – as quatro primeiras compreendidas como lógicas/abordagens específicas e a última, multidisciplinar, dando voz a diferentes temas e seguindo as premissas indicadas para uma boa cobertura de jornalismo ambiental. Além disso, o material foi categorizado de acordo com o formato de publicação: notícias, reportagens, notas, artigo, cartas e fotolegendas, definidos por Marques de Melo (2003). A partir daí, além da identificação das lógicas dominantes nos textos/abordagens, pretendeu-se dar conta de apontar quais das racionalidades predomina neste *corpus*: a econômica ou a ambiental.

Das 127 edições analisadas (visto que aos sábados e domingos é publicada uma única), a Baía da Babitonga foi noticiada em 31 edições (24,4%) aparecendo, em diferentes formatos e às vezes mais de uma vez em uma única edição, evidenciando-se 39 ocorrências durante o período. O mês de janeiro foi aquele em que o tema mais esteve presente, aparecendo 16 vezes. Em fevereiro foram cinco (5), em março seis (6), em abril quatro (4) e, em maio, oito (8).

De forma geral, as ações voltadas ao turismo foram as mais noticiadas, com 23 publicações (58,9%); seguindo-se as abordagens econômicas com nove (9), ambientais com quatro (4), social com três (3) e sistêmica apenas uma (1) (Figura 1). A matéria “Uma Baía Dividida”, publicada em uma edição de final de semana, foi a única no período que seguiu as premissas indicadas para a cobertura ambiental — sistêmica, contextualizada, com diferentes ênfases e abordagens — e deu voz aos diferentes atores que envolvem as questões ligadas ao estuário. O formato mais utilizado foi

a fotolegenda (17 vezes), seguido de notícia (10 vezes), nota (sete vezes), reportagem (três vezes), artigo (1 vez) e carta de leitor (1 vez) (Figura 2).

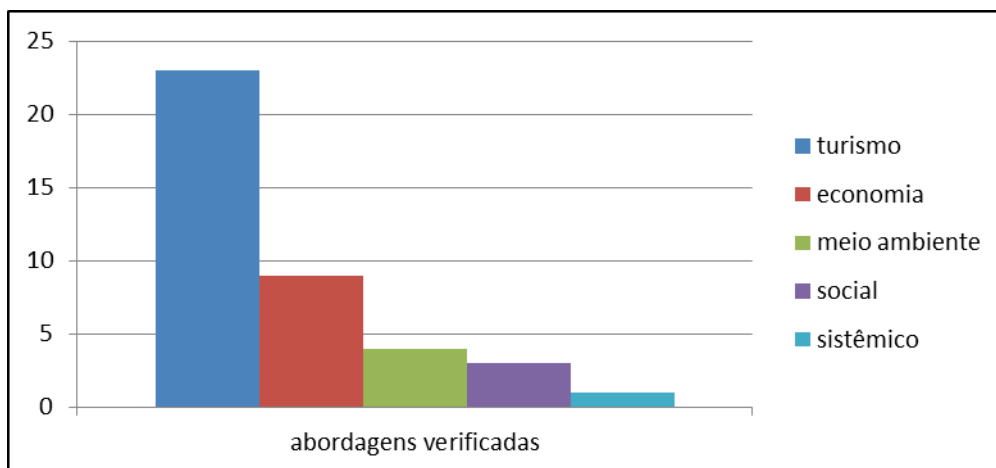


Figura 1: Abordagens verificadas no jornal *A Notícia* no período de 1º de janeiro a 31 de maio de 2015.

Fonte: Augusta Gern

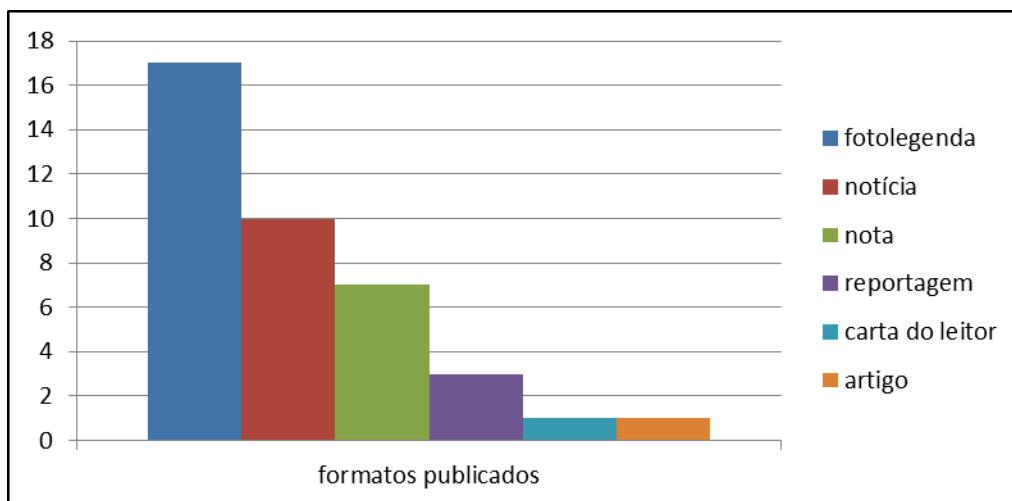


Figura 2: Formatos publicados no jornal *A Notícia* no período de 1º de janeiro a 31 de maio de 2015.

Fonte: Augusta Gern

O atributo relevância sobre o tema também pode ser evidenciado por sua inclusão nas manchetes e chamadas de capa do jornal: a Baía da Babitonga esteve presente em nove capas: seis (06) em manchetes e três (03) em chamadas menores. Dessas, quatro (04) apresentaram ênfases



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



sobre turismo, duas (02) sobre temas sociais, duas (02) sobre economia e uma (01) de abordagem sistêmica.

É importante destacar que as três publicações voltadas inteiramente ao meio ambiente não contaram com grandes aprofundamentos: foram duas notas e uma carta do leitor (referente à Babitonga no dia 26 de maio), que parabenizou a abordagem ambiental da única matéria categorizada como sistêmica, a ser analisada no próximo tópico. Assim, durante o período, apesar da Baía da Babitonga estar localizada no entorno de todos os municípios de abrangência do jornal e ser tema de grandes discussões envolvendo interesses econômicos, sociais e ambientais, esteve presente, como tema, apenas em 24,4% das edições, na maioria das vezes, por meio de fotolegendas, formato jornalístico que representa 43,5% do material analisado. Estas fotolegendas evidenciam, em sua maioria, aspectos estético-paisagísticos da Baía.

A partir dos conceitos de racionalidade econômica e ambiental apresentados por Leff (2006), a pesquisa também buscou identificar e interpretar quais lógicas estão presentes nas publicações referentes ao tema: econômica ou ambiental. Para isso, se analisou todas as produções do jornal sobre a Baía, excluindo-se as contribuições dos leitores (algumas fotolegendas e uma carta). Nesse caso, o *corpus* se reduz para 33 publicações.

Ao interpretar os conceitos de Leff (2006), entendemos que as matérias com ênfase na racionalidade ambiental devem priorizar a importância da manutenção da natureza, da biodiversidade e melhoria da qualidade de vida. Sob esta compreensão exclusiva, foram identificadas apenas três publicações que obedecem a tal lógica: duas fotolegendas e uma nota, matérias que tratam sobre os animais ameaçados e que fazem parte da fauna da Baía. As outras 30 publicações apresentam a lógica predominantemente econômica: mesmo envolvendo questões ambientais em alguns casos, prevalece o interesse econômico. Como a abordagem mais verificada no período foi a do turismo, é importante ressaltar que todas as publicações desse âmbito consideraram a atividade turística como fomento à economia e desenvolvimento da região, podendo-se, portanto, entender esta abordagem também como econômica. Assim, de todo o *corpus* analisado, apenas 9% se apresenta inserido no que aqui entendemos como “lógica ambiental”.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



4. A construção de uma cobertura ambiental sistêmica

O estudo se aprofunda em uma análise qualitativa simplificada da estrutura da grande reportagem, publicada na edição impressa correspondente aos dias 23 e 24 de maio e postada no site do jornal, no formato de narrativa jornalística multimídia, intitulada “Babitonga, uma Baía dividida”. Para Barbosa et al. (2014, p.1), identifica-se atualmente, em diversas plataformas noticiosas, a partir do fenômeno da convergência digital, “a densidade informativa, a verticalização, a integração dos recursos multimídias, a utilização consistente de menus de navegação e os botões de compartilhamento para as redes sociais”, que apontam para a criação de novas formas de narrativa jornalística, a multimídia, que estes autores veem como “uma estratégia comunicacional mais apropriada à produção jornalística em redes digitais”. (*Idem*)

A reportagem “Uma Baía Dividida”, que integra mídias diferentes na narração de uma história, foi escolhida para análise por ser a única publicação do período que apresentou uma abordagem sistêmica, dando voz a diferentes atores sociais e apresentando a dicotomia presente na discussão sobre o estuário que motivou este trabalho: as questões ambientais, econômicas e socioculturais. A escolha pela análise da publicação no formato multimídia, ao invés da impressa, deu-se pelo número de informações e contextualizações apresentadas. Enquanto a versão impressa foi capa, teve três páginas, duas fotos de página inteira, quatro fotos de tamanhos variados e resumos das entrevistas apresentadas em vídeo no site; a versão multimídia, inclusive indicada na edição impressa, apresenta textos, hipertextos, 31 fotos, 16 vídeos, dois documentos anexos que podem ser acessados pelo leitor e quatro áudios.

Conforme a repórter responsável pela matéria, Claudine Nunes (2015)⁵, a abordagem e o formato multimídia surgiram no decorrer da pauta, organizada inicialmente com abordagem econômica: seria uma pauta para o *Caderno de Negócios*, onde se trataria do bom momento para investimentos na região. “No decorrer da elaboração observamos as diferentes características polarizadas da região: há um grupo muito preocupado com as questões ambientais e outro muito preocupado com as econômicas, e um preconceito entre ambas as partes” (*Idem*). Esta observação

⁵ Entrevista concedida no dia 13 de julho de 2015.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enpja.com.br/



levou à reconfiguração da pauta e, segundo a repórter, o objeto da produção foi o de “apresentar a Baía da Babitonga como um todo, colocando para debate o que ainda não aconteceu (no caso, o desequilíbrio da Baía) e minimizando o preconceito entre os grupos”.

Dessa forma, o que era para ser uma matéria tradicional ganhou mais destaque em formato multimídia. Segundo a repórter, como o objetivo era sensibilizar, optou-se pela exploração do apelo sensorial: áudios e vídeos de diferentes ambientes da Babitonga. “Em função dos custos e rotina jornalística, utilizamos ferramentas conhecidas e que estão disponíveis na internet, criando um material atraente plasticamente e com profundidade no conteúdo.” (Nunes, 2015). A repórter explica que esta profundidade e a sensibilidade são as grandes diferenças da reportagem multimídia para a impressa: “Por estar na internet, criamos um esqueleto com todas as informações, mas os vídeos um pouco longos aprofundam todo o debate para quem tem interesse”. (*Idem*)

Ao todo, são 13 os entrevistados da reportagem multimídia, entre pesquisadores ligados às questões socioambientais, pescadores, empreendedores e representantes de órgãos públicos. Os vídeos somam cerca de 20 minutos no total, entre entrevistas e apresentações dos ambientes que fazem parte do estuário: os portos, o mangue, a vida marinha e as aves. Como recurso sensorial, o material também conta ainda com áudios do som do porto, do mangue, do guará jovem (ave rara presente na baía) e das vozes dos pescadores. Os vídeos despertam a sensorialidade do leitor, aproximando-o tanto dos ambientes como dos próprios entrevistados, buscando-se empatia por meio do olhar, das vozes e dos gestos.

O material está dividido em dois capítulos: *A Baía Dividida* e *A vida na Baía*, interligados pelo menu inicial, mas em diferentes páginas da Web. Para observarmos as potencialidades dos recursos multimídia utilizados, analisamos novamente a publicação impressa, sempre levando em conta as duas categorias eleitas: lógica econômica e lógica ambiental. Apesar de inserir questões de relevância ambiental, na matéria impressa a lógica econômica (racionalidade econômica de Leff) está explícita:



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/

(...) Apesar do equilíbrio, a Babitonga é uma baía dividida. Há anos, *o medo de que o desenvolvimento econômico ameace a biodiversidade* provoca questionamentos antes de qualquer intervenção relevante sobre ela, como vem ocorrendo agora, *quando grandes investimentos estão a caminho*. O grande desafio está em saber até onde ela *suportará novas atividades* sem perder a identidade e a riqueza. (JORNAL A NOTÍCIA, 23 E 24 DE MAIO DE 2015). (grifo nosso).

Com este trecho, identificamos que a origem da pauta, que inicialmente seria publicada no *Caderno de Negócios*, continua presente ao sugerir que o debate sobre as questões ambientais só surge em função dos “grandes investimentos” estarem a caminho. O apontamento do *medo* parece sugerir que é hora de superá-lo, superando-se também a dicotomia entre *as novas atividades a caminho* e a *identidade e riqueza da Baía*. Expõe-se aí a grande linha divisória entre as duas racionalidades, que conduzem à construção de lógicas de argumentação específicas. Como já destacado, os problemas ambientais na Babitonga não são recentes, mas precisaram de novas pressões (*investimentos estão a caminho*) e interesses econômicos para ganhar espaço com fôlego, aqui representado pela matéria especial. Este fôlego, que não era previsto pelo jornal, fez emergir questões que não caberiam no espaço do jornal impresso. Dessa forma, a reportagem multimídia surgiu para aprofundar e sensibilizar o leitor sobre o tema, conforme descrito pela repórter.

Observamos esta profundidade logo no primeiro fragmento de texto, indicado após o objetivo da matéria: “*Os interesses podem ser conflitantes, mas autoridades, especialistas e empresários concordam que o desenvolvimento sustentável é possível e que o caminho para alcançá-lo deverá ser construído a várias mãos*”. Diferente da versão impressa, a reportagem multimídia traz para o debate diversas posições sobre o assunto, conferindo com a ideia central da repórter consultada: apresentar a Baía como um todo e colocar para debate possíveis soluções para o que ainda não aconteceu.

O primeiro subtítulo apresentado na matéria, “Os temores”, pode ser definido pelo seguinte trecho: “*Se ao longo das últimas décadas a natureza se adaptou à exploração econômica na baía da Babitonga, por que persiste o receio sobre novos investimentos?*”. Este trecho — “a natureza se adaptou à exploração econômica” — evidencia a visão dominante apontada por Leff (2006), da racionalidade econômica submetendo a natureza, ou seja, a natureza como recurso econômico à disposição da sociedade. Nesta parte, são evidenciadas a ampliação da área destinada à atividade



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



econômica, o possível impacto de dragagens realizadas por tecnologias de ponta, a posição da prefeitura de São Francisco do Sul sobre o novo empreendimento, contextualizações sociais e econômicas sobre a população do entorno, além da preocupação de pesquisadores em relação à toninha (espécie de golfinho ameaçado de extinção). Apesar de trazer questionamentos referentes à preocupação ambiental, especialmente relacionada à biodiversidade, este trecho obedece à lógica econômica assinalada por Leff, manifestando-se como um discurso embalado por contrapontos, mas que privilegia o desenvolvimento e geração de empregos. A própria fala de um pescador, ao se mostrar preocupado com a falta de peixes, evidencia a necessidade da geração de novos empregos que investimentos econômicos na área vão permitir, o que representa um impasse não apenas econômico, mas também cultural do ponto de vista da pesca artesanal.

O segundo subtítulo, “Futuro”, traz a análise de representantes da sociedade que podem influenciar o futuro da Babitonga. Destacam-se as citações do prefeito de São Francisco do Sul, que diz que a Baía não suporta mais nada do que já está previsto hoje; e da gerente de desenvolvimento ambiental em exercício da Fundação do Meio Ambiente (Fatma) de Joinville, que afirma não ter dados suficientes para apontar a capacidade que a baía suporta. Este trecho da reportagem apresenta vídeos do Ministério Público Federal (diz que a Baía demanda mais planejamento), do Porto Itapoá (aborda a necessidade de um estudo aprofundado sobre a Baía), do Porto de São Francisco do Sul (salienta que a região precisa acompanhar o desenvolvimento portuário mundial) e do meio acadêmico (que espera que as áreas continuem intocadas), além de trazer uma análise da Babitonga, realizada pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Apesar dos vídeos apresentarem lógicas diferentes e a ênfase econômica ser muito evidente, deve-se levar em conta que existe espaço para afirmações contrárias ou duvidosas sobre um futuro promissor com relação aos novos investimentos, o que permite apontar uma intencionalidade também dirigida à lógica ambiental.

Na segunda parte da reportagem, “A vida na Baía”, o leitor é convidado a conhecer a Babitonga por intermédio de um vídeo com imagens da movimentação dos dois portos, do mangue, das toninhas e das aves. Este vídeo apresenta um panorama geral, mostrando os diferentes pontos abordados na reportagem. O primeiro subtítulo — “Baía gera emprego e renda” — apresenta de



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



forma explícita a lógica econômica. Aqui são apresentados quatro vídeos: 1) a movimentação dos dois portos; 2) entrevista com o representante do Terminal Graneleiro da Babitonga (investimento que está se instalando na Baía), sobre a escolha do local 3) entrevista com a mesma fonte sobre como a Baía será protegida; 4) explicação do representante do Porto Itapoá sobre porque a região é tão atrativa para investimentos. Além dos vídeos, há um áudio sobre o barulho do porto, três mapas que demonstram a localização dos investimentos, além de cinco fotos e textos de contextualização sobre diversos pontos.

Em seguida, a reportagem traz pontos mais sensíveis à lógica ambiental. Sob o subtítulo “Mesa Farta”, apresenta-se as peculiaridades e importância do manguezal, a partir de um vídeo com cenas do mangue, áudio com o som dos caranguejos, um pequeno texto e cinco fotos. O mesmo espaço e ferramentas são utilizados no subtítulo “Pássaro vermelho”, sensível à biodiversidade, que informa as características do guará, ave que retornou à Babitonga em 2011 e se tornou alvo de muitos estudos. Outro subtítulo, “Elas não saem de casa”, apresenta as características e importância da preservação do habitat das toninhas. Em consonância com a lógica ambiental, este item apresenta dois vídeos, um com imagens dos animais na Baía, outro de uma pesquisadora, além de mapa, quatro fotos e texto. Já o subtítulo “Vida de pescador” descreve a rotina dos pescadores e obedece à lógica econômica, uma vez que trata a Baía exclusivamente como fonte de renda. Este trecho conta com um vídeo, cinco fotos, áudio sobre o som do barco dos pescadores e texto.

Podemos observar que, de maneira geral, a reportagem buscou trazer diferentes aspectos presentes na Baía e, apesar de prevalecer a lógica econômica de forma ampla, a reportagem buscou tensionar os interesses econômicos às preocupações ambientais. Diferente da matéria impressa, a abordagem multimídia permitiu maior profundidade narrativa ao receptor – mesmo que este escolha assistir/ler/ouvir apenas os aspectos que lhe interessem. Além disso, o formato multimídia tem a potencialidade de aproximar o leitor do tema, pelas ferramentas que estimulam a sensorialidade (olhar e audição), pela criação de empatia sonora e visual, remetendo de forma explícita a representações simbólicas estéticas.

Dessa forma, podemos observar a reportagem multimídia como um caminho mais rápido e aprofundado para a prática do jornalismo ambiental, que em sua concepção parece ser ainda



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enpja.com.br/



utópico, um “vir a ser”, quando comparado às lógicas advindas das rotinas produtivas das redações, agora em processo de alteração impostas pelos caminhos da digitalização convergente.

Considerações finais

De acordo com a análise realizada, é possível reafirmar a importância de uma boa cobertura sobre o meio ambiente para o aumento da sensibilização e compreensão sobre as questões socioambientais. Mesmo sem buscar as percepções do leitor, a interpretação do material produzido, em especial a reportagem multimídia, além da entrevista com a repórter responsável, permitiram comprovar, mais uma vez, a importância de se explicar claramente, e de forma contextualizada, a partir de uma abordagem sistêmica, as problemáticas resultantes dos conflitos entre sociedade e natureza: nesta reportagem evidencia-se a intencionalidade de expor as questões ambientais contrapondo-se aos interesses econômicos ligados a este espaço. A cobertura multimídia permitiu uma abordagem mais contextualizada e, sobretudo, com potencial para que o leitor construa seus próprios sentidos diante dos fatos e problemas.

É preciso considerar uma série de fatores que fazem parte da rotina jornalística e que, muitas vezes, geram entraves a uma cobertura sistêmica, como a crescente busca pelo imediatismo, a pouca estrutura de pessoal nas redações, o grande número de pautas diárias, o pouco espaço nos jornais e a pouca estrutura instrumental, profissional e orçamentária para explorar melhor as ferramentas digitais. Mesmo os grandes jornais brasileiros ainda dedicam pouco investimento na produção deste tipo de reportagem com múltiplas mídias — ou seja, atualmente, este tipo de reportagem com potencial de sensibilização e visão sistêmica é uma produção esporádica, que exige mobilização de uma equipe integrada e preparada tecnicamente.

Entretanto, percebe-se que este tipo de narrativa multimídia parece apontar novas perspectivas para a prática de reportagens sobre questões socioambientais, permitindo o que se convencionou chamar de abordagens mais sistêmicas. Neste tipo de matéria, diferentemente da maioria das outras analisadas no jornal impresso durante todo o período, evidenciam-se na mesma narrativa lógicas aparentemente opostas, a econômica e a ambiental. E mesmo com um ligeiro predomínio de ênfase nos interesses econômicos, a própria estruturação deste tipo de reportagem



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



conduz à necessidade de contrapontos que esboçam lógicas socioambientais, no sentido proposto “por uma outra racionalidade”, na leitura de Leff.

Este trabalho buscou provocar nos colegas de profissão e nos interessados pela temática ambiental, reflexões acerca do papel do jornalismo numa sociedade que precisa, com urgência, se sensibilizar sobre a temática ambiental. O jornalismo praticado a partir de abordagens mais sistêmicas pode motivar práticas cotidianas de melhoria socioambiental, bem como estimular o público a inserir-se em fóruns de discussão cidadã sobre esta temática. As novas ferramentas multimídia apresentam potencial interessante como aliadas a essas práticas e a academia tem importante papel na apreciação e estimulação dessa tarefa.

Referências

BARBOSA, Suzana et al. NORMANDE, Naara; ALMEIDA, Yuri. Produção horizontal e narrativas verticais: novas padrões para as narrativas jornalísticas. In: **Anais... Compós**, 2014. Belém, Pará: XXIII Encontro Anual da Compós. Disponível em: http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT10_ESTUDOS_DE_JORNALISMO/artigo_gtjornalismo_sbarbosa_naara_yuri_2238.pdf Acessado em: 13/07/2015.

BERNA, Vilmar Sidnei Berna. Desafios para a Comunicação Ambiental. In: GIRARDI, Ilsa; SCHWAAB, Regis (orgs.). **Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008. pp.89-104.

BERTONI, Claudia Regina Garcia. **Jornalismo regional e a agenda-setting: a construção da imagem da Sabesp por meio da hipótese do agendamento**. Marília: Universidade de Marília, 2006. Disponível em: <http://www.unimar.br/pos/trabalhos/arquivos/e20c6e22e49fbb35beae8ed72e744d18.pdf> Acesso em: 1 mar.2012.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. In: GIRARDI, Ilsa; SCHWAAB, Regis (orgs.). **Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008: pp.105-116.

COLOMBO, Macri Elaine. Jornalismo Ambiental: a sua história e conceito no contexto social. In: Intercom Nacional, 33. Caxias do Sul, 2010. **Anais eletrônicos**, Caxias do Sul, 2010. p. 1-9. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2674-1.pdf> Acesso em: 09 abril 2011.

CORREIA, João Carlos. **O Admirável Mundo das Notícias** – Teorias e Métodos. Livros LabCom, 2011. Disponível em: http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110524-correia_manual_noticial.pdf Acesso em: 10 mar. 2012.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



CREMER, Marta J. O estuário da Baía da Babitonga. In: CREMER; MORALES; OLIVEIRA (orgs.). **Diagnóstico ambiental da Baía da Babitonga**. Joinville: Univelle, 2006: pp. 15-19.

DAL MARCONDES. Painel 7: Cidades Sustentáveis. In: **IV Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental**. Rio de Janeiro, RJ, 19 nov. 2011.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. Cecília. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HANNIGAN, John. **Sociologia ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LEFF, Enrique. **Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIMA, Myrian Del Vecchio et al. Análise do desenvolvimento de produção acadêmica da Intercom em Jornalismo e Meio Ambiente: apontamentos sobre os últimos dez anos. **Anais eletrônicos, SBPJOR ... Brasília: 11º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, novembro de 2013. Disponível em: <http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XIENPJOR/paper/view/2399/550>

MASSIERER, Carine. As condições de produção em Zero Hora e Correio do Povo e a relação com o conteúdo das matérias de meio ambiente. In: GIRARDI, Ilsa; SCHWAAB, Reges (orgs.). **Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008: pp.151-166.

MELO, José Marques de. Prefácio. In: MELO, José Marques de (org.). **Mídia, Ecologia e Sociedade**. São Paulo: Intercom, 2008. pp.11-15.

MELO, _____. **Jornalismo Opinativo**. Campos do Jordão, Ed. Mantiqueira, 2003.

MORAES, Claudia Herte de; CORRÊA, Aline Michelle Ferreira. Entre o susto e o esquecimento: Jornalismo Ambiental na lógica da indústria da informação. In: GIRARDI, Ilsa; SCHWAAB, Reges (orgs.). **Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008: pp.210- 223.

MORALES, Paulo Roberto Dias. Prefácio. In: CREMER; MORALES; OLIVEIRA (orgs.). **Diagnóstico ambiental da Baía da Babitonga**. Joinville: Univelle,2006: pp. 9-13.

NUNES, Claudine. Os dois lados da Babitonga. **A Notícia**, número 26.928. pp. 4-6, 23 e 24 mai 2015.

_____, Claudine. Babitonga, Uma baía dividida. **A Notícia**. Disponível em: http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/an_babitonga/introducao.html Acesso em 30 de maio de 2015.

SOUSA, Jorge P. A teoria do agendamento e as responsabilidades do jornalista ambiental: uma

perspectiva ibérica. In: MELO, José Marques de (org.). **Mídia, Ecologia e Sociedade**. São Paulo: Intercom, 2008. pp. 65-111.

WILSON, Deirdre e SPERBER, Dan. Teoria da Relevância. In: Revista **Linguagem e Discurso**, Tubarão-SC, v.5, n. especial, p. 221-268, 2005.